

A ECRANOVISÃO DO TERROR NO SÉCULO XXI

Pedro Rodrigues Costa*
Universidade do Minho
pcosta@mail.pt

Resumo: Uma das ecranovisões mais poderosas da história dos ecrãs, aconteceu em 2001: o 11 de Setembro. Neste artigo, analisando qualitativamente algumas entrevistas, revelamos como esta ecranovisão, desde o seu acontecimento até à actualidade, constitui ainda o arquétipo de terror naqueles que lhe estiveram sujeitos. Concluimos assim que, no exacto momento, o acontecimento mediático vale sobretudo pela força violenta da actualidade; depois desse acontecer, passa a valer sobretudo pela sua força em modo de ecranovisão, quer dizer, pela sua capacidade de se impor na consciência e nas contingências individuais e colectivas. Este é um exemplo da força das ecranovisões, que aqui queremos revelar.

Palavras-chave: ecranovisão, terror, atmosferas ecrânicas

Abstract: One of the most powerful ecranovisions of the screens history, it happened in 2001: The Nine Eleven. In this article, analyzing qualitative interviews, we reveal how this ecranovision, since that day to the present, is still the archetype of terror in those who were his subjects. We conclude that, at the exact moment, the media event is especially true for the violent force of the timeliness; after this, takes effect by its strength in ecranovision mode, that is, its ability to impose itself in the consciousness, and individual and collective contingencies. This is an example of the strength of ecranovisions, something that here we want to reveal.

Keywords: ecranovision, terror, screen atmospheres.

Uma das ecranovisões mais poderosas da história dos ecrãs, aconteceu em 2001: o 11 de Setembro. Esta é, sem qualquer dúvida, a ecranovisão mais forte e mais presente na memória dos entrevistados deste estudo¹. Esta ecranovisão revelou-se o marcador de memória mais forte destas duas gerações, aquela que, portanto, escavou mais buracos na compreensão lógica do mundo. Quisemos, por isso, aprofundar qualitativamente esta ecranovisão em particular, para tentar perceber um pouco mais sobre o seu impacto psicossociológico.

Antes, porém, de avançarmos para a análise, importa explicar o que consideramos ser uma ecranovisão. Na nossa formulação, uma ecranovisão é da ordem do complexo,

* Sociólogo e doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho.

¹ Este estudo resulta de uma pequena parte de análise da tese de doutoramento “Entre o Ver e o Olhar: Ecos e ressonâncias ecrânicas”, do presente autor. A metodologia usada consistiu na análise qualitativa de entrevistas a dois grupos de indivíduos pertencentes a duas gerações distintas: a primeira geração, era composta por dez indivíduos, cinco do género masculino e cinco do género feminino, com uma média de idades de 20 anos; a segunda, composta por 10 indivíduos, também distribuídos por género em igual número, com média de idades de cerca de 40 anos. Neste artigo, foram usados trechos de entrevistas e de blogs, de 2006 e de 2012, que assinalavam os cinco e os 10 anos depois do acontecimento, respectivamente.

pois resulta de uma interação entre um indivíduo e um conteúdo exposto num qualquer tipo de ecrã. Interação na medida em que o indivíduo vê, e o ecrã interage nele, sendo visto. Interação precisamente no momento em que quem vê toca com a visão no que existe no ecrã para ser visto. Essa interação pode ser mais desatenta e menos intensa, ou mais ativa e intensa, com ou sem modulação, mas sempre propensa a se inscrever na consciência ou no inconsciente, dependendo da intensidade com que vibra externa e internamente. Assim, pode entrar no indivíduo por duas vias distintas: pelo ver e pelo olhar. Através do ver, vai inscrever-se no lado racional como informação, durável ou efêmera consoante a importância dada e a contingência existente; através do olhar, vai permitir criar uma relação entre o corpo como centro de referência e a paisagem, e alojar-se no inconsciente sob a forma de *hotspot mental* – algo que pode (re)aparecer na consciência como uma espécie de sinal intermitente apontando um caminho, uma escolha ou uma possibilidade. Uma ecranovisão é então um conjunto de conteúdos, que se dobram no indivíduo através da subjetivação, sintetizando-se, e que libertam para a consciência informação e através do inconsciente ressonância. É mais um dado ou um conjunto de dados, que pode ser repescado e (re)ligado pela intuição, para posteriormente integrar as análises e as estruturas de entendimento existentes na consciência, e libertado, constituindo eco, pela ação ou pela transmissão explícita ou tácita. Resumindo, definimo-la como um conjunto de percepções feitas sob a influência de atmosferas ecrânicas, que envolvem a visão (o ver racional e o olhar maciço - pequenas percepções) (GIL, 1996) e que fazem despontar ressonâncias internas e ecos sociais. À circum-navegação ecrânica corresponde directamente uma comunicação estética, uma circum-visão mediada pelas capturas conscientes e inconscientes. Neste sentido, as ecranovisões são conteúdos que emergem à consciência, resultado das quantidades intensivas promovidas pelas circum-visões. São intensidades (quantidades intensivas²) que geram forças e que concorrem para as múltiplas diferimitações³, promovendo a constituição de formas de sociação e potenciando expressões, renovando assim o social. As mais intensas são determinantes, nos indivíduos e nas suas interações, para o processo de actualização das ideias, para a consequente (re)activação de arquétipos e renovação de individuações, e para a solidificação do inconsciente e das contingências colectivas. De forma resumida, poderíamos dizer que uma

2 Para Deleuze, quantidades intensivas são todas as influências que ocorrem quer por intermédio dos fenómenos endopsíquicos como através dos fenómenos exopsíquicos, interagindo mais tarde ou mais cedo a consciência (DELEUZE, 2000).

³ Diferimitação: a diferenciação e a imitação, o igual e o diferente, o próximo e o distante que, conjugados, formam um dos elementos essenciais das sociedades. Os outros dois elementos essenciais das sociedades são, para nós, a sociação e a exprenovação. A sociação é o resultado de interações que geram ação ou influência nos indivíduos, constituindo formas, mais ou menos determinadas, de cooperação e de colaboração, numa “unidade dentro do qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados causalmente ou induzidos teleologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades” (SIMMEL, 1983: 60). Estas formas de sociação dão origem à formação de processos de socialização, que ligam a forma ao indivíduo, e assim o todo a esse; e originam também a formação de processos de individuação, portanto aquela resolução feita no e pelo indivíduo nas suas contingências e motivada pelos arquétipos e pelo inconsciente coletivo, ligando o indivíduo à forma – portanto, o indivíduo ao todo. Por seu turno, a exprenovação é a objetivação dos indivíduos no universo da ação, local onde toda a sociedade se renova, já que nessa expressão está contido o passado, esse que foi, que está a ser e que segue em direção a outro algo (COSTA, 2012).

ecranovisão é ver e olhar, na dupla vertente da visão (consciente e inconsciente), o mundo através do mundo que passa nos ecrãs.

Aplicando agora este conceito de ecraovisão, e todo o restante enunciado teórico, aos efeitos do 11 de Setembro e de todo o aparato envolvente, talvez seja possível passar das múltiplas análises feitas sob uma base fenomenológica para uma análise mais de génese metafenomenológica. Mas por que é que escolhemos o caso já gasto do 11 de Setembro e não outro mais actual e menos ressonante? Fundamentalmente, porque o 11 de Setembro foi um acontecimento que aliou um processo de tradução complexo a todo um conjunto de ecraovisões marcantes na história do mundo actual. Relembremo-nos sucintamente do caso.

Manhã de 11 de Setembro de 2001. Passavam 46 minutos das oito horas da manhã quando em Nova Iorque um avião de passageiros embate numa das torres gémeas do edifício World Trade Center. O embate gera uma explosão violenta. O edifício fica em chamas. Os habitantes de Nova Iorque em primeiro lugar, e logo de seguida o mundo dos e nos ecrãs, ficaram surpreendidos e sem resposta para o sucedido. 17 minutos mais tarde, um outro avião de passageiros embate na outra torre gémea. Provoca também uma grande explosão e igualmente coloca o edifício em chamas. Depois desse cenário cada vez mais estranho, passados 34 minutos, um outro avião atinge o pentágono. E às 10 horas e 3 minutos, portanto 26 minutos depois do terceiro, um quarto avião cai perto de Shanksville, Pensilvânia.

Viveram-se várias dimensões de terror. Uma delas foi o acontecimento em si mesmo. O embate. A explosão. O barulho terrível a perturbar a ordem que cá em baixo se desenrolava. Uma verdadeira (des)estabilização do quotidiano de Nova Iorque, do quotidiano americano, do quotidiano do mundo. O improvável aconteceu. Um avião normalmente ultra seguro bate contra um edifício. Avião/betão, pessoas/explosão, carne/fogo, vidros/fumo, gritos/pânico/desordem.

Porém, uma outra dimensão de terror seguiu-se. O terror da tradução. Tal como lembra Latour, é através da tradução “que o mundo se constrói e se desconstrói, se estabiliza ou se desestabiliza” (CORCUFF, 1995, P.71), traduzindo desse modo linguagens, problemas, identidades, interesses, motivações, etc. E o terror da tradução do 11 de Setembro pode ser dividido em três fases: uma primeira que ocorreu no momento do embate do primeiro avião. Várias foram as dúvidas de quem estava por perto. Que estrondo fora aquele? Que desconhecido se esconde por detrás de um estrondo tão violento? O que terá causado tamanha explosão violenta? Neste primeiro momento, nos instantes violentos que duraram apenas alguns segundos até que todos largassem o atordoamento do choque, viveu-se o primeiro terror – o terror da *ausência de tradução*; uma segunda fase ocorreu durante os 17 minutos que passaram desde o primeiro embate até ao segundo. Foram 17 minutos sem respostas, sem conclusões. 17 minutos onde habitantes de Nova Iorque e habitantes dos ecrãs ficaram sem saber o que estavam a presenciar. Foi o terror da *incerteza de tradução*, da incerteza do que havia para traduzir; uma segunda fase do

terror da tradução prende-se com os objectivos por detrás do terror do acontecimento. A tradução do acontecimento como Jihad (guerra santa), guerra entre traduções religiosas e místicas diferentes que originam processos de desenvolvimento e de pensamento diferentes, gera o terror do *conhecimento da tradução*; o terceiro terror da tradução é a *consequência da acção da tradução*. A juntar aos cerca de 2996 mortos, terror de morte sem culpa, a tradução do acontecimento desponta um conjunto de acções que geram ainda mais terror, também premeditado, também ele a obedecer a um conjunto de traduções repletas de terror.

Ora, todo este terror alastrou-se pelo mundo, e foi sobretudo um alastramento que se baseou na tradução, sobretudo a tradução das quantidades intensivas originadas pelas ecranovisões do acontecimento. Mesmo para os habitantes de Nova Iorque, mesmo para os que presenciaram o acontecimento ao vivo, foi a tradução oferecida pela ecranovisão que mais permaneceu durante um longo período de tempo. E porquê? Porque só mesmo os ecrãs foram capazes de mostrar em simultâneo a atmosfera dos momentos, a divisão das percepções, a formação de ressonâncias e de ecos sobre o sucedido, e a propagação de quantidades intensivas capazes de suscitar e produzir arquétipos sociais, processos de socialização e processos de individuação sobre o acontecimento.

Os testemunhos⁴ de duas vítimas (Joyce e Diane) sobreviventes da efeméride elucidam-nos bem sobre os efeitos do 11 de Setembro. Ambos os trechos mostram o terror do acontecimento mas, sobretudo, as implicações das traduções das ecranovisões.

Joyce passa actualmente uma grande parte da semana em consultórios médicos. Com 51 anos de idade, sofre de stress pós-traumático, diagnosticado imediatamente depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001. "Sinto culpa cada vez que me rio". "Não sou nada da pessoa que era. Nada, nada", repete. "Não imaginam as saudades que sinto do que eu era. Agora, sinto culpa de cada vez que me rio...", explica Joyce.

A vida de Diane Scharen, exactamente da mesma idade de Joyce, também mudou no mesmo dia. Secretária da administração de um grande banco de investimento, Diane viajava todos os dias às sete da manhã desde Middletown, New Jersey, até à estação do World Trade Center. "Naquela manhã, quando estava a sair da estação do comboio [por baixo das torres], passei por um polícia da Port Authority, um senhor já de cabelos brancos, que estava com um ar muito feliz e jovial. Eu sorri-lhe e ele disse-me qualquer coisa como "Tenha um dia excelente". Eu respondi "Que Deus o abençoe" e segui", lembra. "Mais tarde, quando a primeira torre ruiu, só me conseguia lembrar desse polícia. Rezei por ele", diz.

⁴ Estes trechos foram recolhidos numa entrevista do Público conduzida por Rita Siza, no dia 11-09-2006. Foi consultada em 19-09-2010, no endereço:
<http://dossiers.publico.clix.pt/noticia.aspx?idCanal=1834&id=1269813>.

Quando falam sobre o acontecimento, sentem as ressonâncias negativas que dele emanam. Como refere Rita Siza no seu artigo,

Quando estas duas mulheres lembram os acontecimentos de 11 de Setembro, o que impressiona é como os seus relatos são, ao mesmo tempo, tão vívidos e tão contidos. Como ao fim de cinco anos não há um detalhe que lhes escape. Como aguentam as suas emoções até ao fim das frases: as palavras vêm límpidas, mas os seus olhos estão cobertos de lágrimas; a voz não treme mas cada suspiro carrega um peso impossível de transpor para o texto.

Mesmo que ambas tenham presenciado o acontecimento ao vivo, o sentido foi-lhes dado pelas ecranovisões. Foram sobretudo as ecranovisões que deram sentido ao acontecimento, reconstituindo-o como um todo de terror. É que nem Joyce nem Diane se aperceberam do embate do primeiro avião no World Trade Center:

O meu telefone tocou e era a minha irmã que vive na Florida e que nunca me liga para o emprego, a dizer "Ainda bem que estás bem". Eu não tinha ouvido o avião, mas percebi logo que havia alguma coisa errada. Ela contou-me que a CNN estava a dizer que tinha havido um acidente, que um avião tinha ido contra uma torre, e pouco depois ouvi um grande "booooo" ao mesmo tempo que a minha irmã começou a gritar ao telefone. Percebi imediatamente que estávamos a ser atacados (Joyce).

Diane, por seu turno, também não percebeu o que estava a acontecer. Ela estava a tirar fotocópias numa sala toda envidraçada do 17º piso quando foi surpreendida por milhares de papéis a voar pelo céu. Pensou:

que bizarro, uma parada a estas horas da manhã. Até que chegou alguém a dizer que um avião tinha acidentalmente voado contra uma das torres. Liguei ao meu marido, mas não havia telefones, não havia emails. Quando foi o segundo avião, o prédio estremeceu todo. Durante uns minutos ficamos a olhar uns para os outros sem conseguir sequer falar, sem perceber se devíamos fugir ou ficar.

Foi pois, posteriormente, o horror das ecranovisões que mais ficou cravado na memória de ambas. A tradução jornalística como acto terrorista, juntamente com o horror das imagens, despontou as ressonâncias e os ecos nestas duas vítimas, tal como no resto do mundo.

A tradução das quantidades intensivas que emanaram destas imagens ecrânicas constituiu a parte mais complexa, e também mais determinante, na influência sobre o mundo após o acontecimento. É que "A informação dispõe de uma energia potencial que pode ser imensa tanto para a acção como para o pensamento" (MORIN, 1999, p. 28). Após o desabamento das torres, que segundo Baudrillard (2007: 14) "é o maior acontecimento simbólico", são as imagens ecrânicas que tomam conta de toda a história daqueles momentos de terror, cravando-se na memória e permitindo assim a todos os telespectadores uma próxima atmosfera, simbólica e imaginária. Neste caso, como em muitos outros, a imagem passou a ocupar o acontecimento. Como referimos atrás, até para quem esteve no prédio, como Diana e Joyce, foi a imagem televisiva que explicou o acontecimento. "Habitualmente, no nosso universo mediático, a imagem está no lugar do

acontecimento. Substituí-o e o consumo da imagem esgota o acontecimento por procuração” (IBID.: 19).

Importa agora perguntar: que quantidades intensivas jorraram após tal atmosfera ecrânica?

Numa busca aleatória de relatos sobre o 11 de Setembro, consultado em 20/09/2010, encontramos um blog em <http://fiju.blogs.sapo.pt/17683.html>, com um Post denominado de “O meu 11 de Setembro de 2001”. Foi um post colocado no dia 11 de Setembro de 2006, portanto cinco anos após o acontecimento. O post inicia com o seguinte parágrafo:

Saí agora do sofá da sala com uma das piores caras que tenho. Acabei de ver um documentário na RTP1 sobre o 11 de Setembro, "11/9 - O dia em que o mundo mudou. Não sei como consigo não deitar nenhuma lágrima, mas na verdade é que é impossível estas informações não mexerem connosco. Cada vez que vejo as imagens do acontecimento fico sempre com pele de galinha a engolir em seco.

De seguida, o autor deste post descreve o dia 11 de Setembro de 2001 da seguinte forma:

No dia 11 de Setembro de 2001 precisamente uns escassos minutos antes do segundo avião se despenhar na 2ª torre, liguei a televisão para fazer o último zapping antes de sair para a barragem para passar um dia de convívio com a família. Mas qual o meu espanto, que mal a imagem da televisão se tornara visível, vi logo uma notícia drástica! Era uma das torres gémeas a arder devido a um choque de um avião causado a poucos minutos! Eu, juntamente com os meus pais e irmã decidimos ficar só mais um pouco para ver como estava a situação, mas de repente, aparece outro avião na imagem da televisão e embate na outra torre. Pensamos em conjunto: "É outro avião! Não são imagens do primeiro! Que se passou?" Ainda pensei que fosse um tipo de avioneta que estava nas redondezas e com intuito de ter melhores informações sobre o que se passava tinha perdido o controle e foi contra a torre. Que ridícula a minha ideia! O pior estava para vir. Mas como nos estávamos a atrasar para a tarde em família, desligamos a televisão e foi a última vez que vi as Torres Gémeas em edifício no mundo presente.

O autor deste post continuou a descrever o dia 11, referindo que:

Já na barragem, recebi uma mensagem de um amigo a dizer que estava tudo louco, e tinha chocado um terceiro avião, no Pentágono! Mas que notícia horrível! Mas continuei junto de todos e disse-lhes que o que se passava. Poucos minutos depois, recebia outra mensagem a dizer que uma Torre tinha desaparecido do mapa! Tinha desabado! Ficava desfeita num monte de escombros! Não queria acreditar e fui para o carro e liguei o rádio. Confirmei a notícia e todos ficámos chocados! Uns minutos mais tarde ouvi a notícia que o mesmo acontecia à outra Torre! Fiquei paralisada a ouvir tudo o que relatavam no rádio, imaginando a imagem de tudo aquilo! (...) Nunca antes tinha focado o meu interesse para imaginar ou ter ideia de qualquer coisa. (...) Já de noite, quando cheguei a casa, a primeira coisa que fiz foi ligar a televisão e ver que onde estavam as torres que tinha visto antes de ir, estavam agora apenas em escombros! Imagens que tinha elaborado na minha mente com os relatos do rádio, confirmara com as imagens gravadas na televisão. Quando vi pela primeira vez a repetição das imagens dos desabados das torres, fiquei paralisada e arrepiada! Nunca me esqueci daquele momento.

Este post é rico em detalhes sobre a influência das quantidades intensivas das imagens ecrânicas. Estamos precisamente a analisar algo que foi escrito em 2006 sobre um acontecimento de 2001, e, como podemos perceber, com uma precisão impressionante. Mostra-nos desde já um primeiro ponto: a força das ressonâncias e dos ecos provocadas pelo acontecimento ecrânico.

Um outro pormenor interessante prende-se também com a associação que o autor deste post faz entre o que ouvia e o que imaginava. Quando este internauta diz “Fiquei paralisada a ouvir tudo o que relatavam no rádio, imaginando a imagem de tudo aquilo!”, acaba por demonstrar como as primeiras imagens visionadas no ecrã foram determinantes para situar o cenário na imaginação, cenário que segundo o mesmo nunca se vai esquecer. Essas imagens mentais, elaboradas com ajuda do relato mas com as dinâmicas oferecidas pela imagem-tempo, imagem-movimento e imagem-acção transmitidas anteriormente pelo ecrã, confirmaram o terror vivido que dominaram as ecranovisões: “Imagens que tinha elaborado na minha mente com os relatos do rádio, confirmara com as imagens gravadas na televisão”.

A força das ecranovisões foi tanta para o autor que o levou, neste caso concreto e cinco anos depois, a afirmar que “Quando vi pela primeira vez a repetição das imagens dos desabados das torres, fiquei paralisada e arrepiada! Nunca me esqueci daquele momento.”

Vemos, portanto, um duplo efeito associado ao efeito das ecranovisões do 11 de Setembro. Por um lado, as ressonâncias internas provocadas despontaram no autor deste post um conjunto de marcas que continuam bem presentes. Essas marcas constituem hoje uma grande base do seu arquétipo de Medo. Por outro lado, quando as ressonâncias saem em direcção ao social e se transformam em ecos sociais, essas ecranovisões penetram pelas individuações e reconvertem-se em morais socializantes ou em socialidades quotidianas, como por exemplo esta apontada por um internauta que respondeu à pergunta «*Que significado tem para ti o 11 de Setembro?*»: “Quem semeia vento, colhe tempestades”⁵.

Portanto, as traduções das quantidades intensivas provocadas pelas ecranovisões deambulam entre ressonâncias internas e ecos sociais, ou seja, entre individuações e socializações que se definem na cena social aquando da confrontação entre motivações, desejos, sentimentos e pensamentos.

Susana, uma outra internauta que respondeu ao post “O meu 11 de Setembro de 2001”, no dia 11 de Setembro de 2006 às 15:31, lembrava de um modo semelhante ao autor do post como o dia 11 lhe tinha ficado na memória, e como tinha sentido todo aquele drama: “Este dia para mim ficou muito marcado, pois sou uma pessoa que ao pensar nas coisas consigo "quase" imaginar o sofrimento daquelas pessoas que estavam

⁵ Esta resposta foi consultada na bateria de perguntas do Yahoo. A resposta em causa está em <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070910141616AAPLdEU>, e foi consultada a 20/09/2010.

naquelas intermináveis torres naquele dia...”. Quando Ssusana refere que consegue «quase» imaginar o sofrimento, tenta traduzir a dor e a intensidade sofrida pelas vítimas, um dor que ela acaba por descrever, não sabemos se propositadamente ou não, com a qualidade de interminável. Talvez aqui a palavra interminável signifique a expressão de um outro internauta, denominado de deMatos (a 12 de Setembro de 2006 às 18:10), que afirma: “é sem duvida uma data que por mais anos que passem não se vai esquecer”.

Por outro lado, para um outro internauta que respondeu ao *post*, denominado de *alcoreien* (a 14 de Setembro de 2006 às 01:44), a intensidade fora tanta que fez erguer o arquétipo do vingador. Para este, o 11 de Setembro foi “Um dia que marcou a humanidade. Porque aquilo não foi um ataque só aos americanos, foi um ataque à humanidade, e só queria que os verdadeiros culpados fossem encontrados e não os bodes expiatórios”. O arquétipo do vingador foi talvez um dos mais despontados por estas ecranovisões, sobretudo quando os jornalistas que acompanhavam a emissão disseram o que *alcoreien* (a 14 de Setembro de 2006 às 01:44) memorizou: "Oh my god!, It seems like another plain hits the WTC. (...) This does not look like an accident anymore, this may be a terrorist attack". Aliás, para muitos, a sede de vingança começa aqui, pois tal como lembra *alcoreien*, “Terrorismo? Acho que só comecei a ter noção da verdadeira amplitude da palavra nesse dia”.

É muitas vezes no terrível que as quantidades intensivas penetram para as individuações. As ecranovisões do 11 de Setembro conseguiram entrar nesse terrível, nessa escuridão e negrume que legitima o aparecimento do sentimento de injustiça, de temor, de dor, de impotência. E o impacto está à vista em muitos comentários, tal como neste de *Pauxana* (a 15 de Setembro de 2006, às 11:27): “foi a tarde mais terrível da minha vida. Assisti em directo às imagens do segundo avião a embater nas torres, das pessoas que se atiraram, da escuridão, do negro até à horrível eclosão. Acho que nunca vou esquecer”.

Para muitos, este foi o maior acontecimento dos últimos anos, uma ecranovisão do terror que deixou o mundo perplexo e colado aos ecrãs. Entre o ver racional e o olhar maciço, uma imensidão de intensidades penetraram pela circum-visão do mundo, mostrando todo um conjunto de realidades que mostram a insegurança, a incerteza e a violência da vida. Ver e olhar confundiram-se, sonho e realidade misturaram-se, numa dança que hoje está numa das portas grandes do nosso inconsciente colectivo. Tal como *alcoreien* (a 14 de Setembro de 2006 às 01:44), o mundo inteiro sofreu, e ainda sofre, os ecos e as ressonâncias desta ecranovisão:

Fiquei todo o dia colada ao ecrã, a ver e rever as imagens, não conseguia acreditar. Não consegui mesmo! Nessa noite quase não dormir, pois as imagens e os sons das pessoas a caírem e a baterem no chão continuavam a vir à cabeça... E as imagens das torres a cair também...

Em suma, constatamos que, doravante, nas gerações mais marcadas pela intensidade do 11 de Setembro, e sobretudo nas gerações nascidas entre o dealbar da década de oitenta e os primeiros anos da década de noventa, que no acontecimento estavam na transição psicológica da infância para a adolescência e por isso a marca tornar-se-á mais intensa, toda a associação psicossociológica ao terror e à tragédia colectiva terá esta ecranovisão como o maior dos arquétipos, como pano de fundo. Tal como sugere o nosso entrevistado 13, o 11 de Setembro,

Foi um marco! Um marco na humanidade. A partir daí a sociedade nunca mais voltou a ser como era! Há mais medo. Aumentou a desconfiança. Entre países, e a partir daí a crise económica também estalou. Está tudo ligado! Os sintomas começaram aí. A luta pelas questões energéticas, as guerras, o mal estar, e por aí (entrevistado 13, 2012).

Na mente, a atmosfera libertada por esta ecranovisão remeterá sempre para um fundo coberto de explosão, de queda, de desmoronamento, de desabamento de pressupostos tidos como certos, de desconfiança pelas certezas. Um terror marcado por tudo aquilo que é imprevisível e precário no mundo. A partir daqui, nos indivíduos por esta afectados, consciente ou inconscientemente, o terror, quer seja vivido de forma individual quer seja vivido de forma colectiva, ligar-se-á psicologicamente ao estrondo do embate, à explosão surpresa, à queda, ao desmoronamento, ao desabamento: uma neblina de pó e fumo estará algures no inconsciente individual e colectivo quando a sensação for de terror. Em 2001 aconteceu; em 2006 os relatos aqui demonstrados mostram a sua força em sublimação; e em 2012, os entrevistados⁶ revelam já a acomodação do acontecimento como sinal profundo e estável de medo e terror. É caso para afirmar: no momento, o acontecimento mediático vale sobretudo pela força violenta da actualidade; depois desse, passa a valer pela sua força em modo de ecranovisão, quer dizer, pela sua capacidade de se impor na consciência e nas contingências.

Bibliografia:

- BAUDRILLARD, J. & Morin, E. A Violência do Mundo. Lisboa: Edições Instituto Piaget, 2007.
- COSTA, P. R. De Como é Possível a Cultura. In: Agália. Revista de Estudos na Cultura. Santiago de Compostela: Agal (no prelo), 2012.
- CORCUFF, P. As Novas Sociologias – Construções da Realidade Social. Sintra: Editora Vral, lda, 2001.
- DELEUZE, G. Diferença e Repetição, Lisboa: Relógio D'água, 2000.
- GIL, J. A Imagem-nua e as Pequenas Percepções. Estética e Metafenomenologia, Lisboa: Relógio d'água, 1996.
- MORIN, E. As Grandes questões do Nosso Tempo. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.
- SIMMEL, G. Sociologia, trad. e org. de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática S.A, 1983.

⁶ Aqui apenas destacamos o entrevistado 13, por considerarmos que a sua expressão representa, nesta matéria, a dos restantes, permitindo assim uma melhor gestão do espaço disponível.